

Fragmento do episódio 3 do livro *Bulboatro*, de Tiago de Abreu Pinto e Thiago Barbalho

### **episódio 3.**

Retalhos quadrados. Farrapos octogonais. Lembrava-se vivamente do dia em que Eli Sudbrack, entre desmesuras orais de causos e casos, lhe apresentou em um instante propagandístico àquele que lhe ajudava a pintar os troços acartonados de colorido refrescante que viriam a inspirar-lhe – àquele que vos conta – tanto quanto as vivas e airbrushiadas, assim como, se diria, os barbalhoados farrapos, emendados narrativos, de Thiago Barbalho. Se apresentou assim, de maneira singela:

*Eu estou sendo feito.*

Nada mais. Ao princípio, de vez em quando, ele tinha aquele ar sonhador. Mas pelo menos lhe passava a impressão, mesmo que equivocada, já que não lhe conhecia ainda, de tempos em tempos, que era uma função de uma certa maneira de estar começando como estava. Ficam calculados aqui, nessas linhas, estes movimentos que passaram por seu olhinho apertado, mas sensível:

*Já que vamos falar aqui do salto que dei da literatura às artes visuais, vamos ter que fazer isso com um pressuposto: toda palavra sobre o abandono das palavras começa sabendo do seu próprio fracasso. Estou falando aqui, usando palavras, sabendo que nenhuma palavra vai conter o que agora é. Toda palavra é a insinuação de um gesto, é o convite a um acontecimento que não acontece. E todo gesto de desenho é a explosão de uma verdade, e toda verdade é categoria. Então cada traço num desenho é a rebelião contra a hipocrisia de uma categoria. Eu deveria estar falando de mim aqui, porque combinamos que nesta conversa eu falaria de mim, mas o que sobra de um sujeito depois que ele salta pra além das palavras é só um barulho sem sentido. Ou melhor, o barulho é o sentido. Eu abrigo a explosão que explicita o fato de que estar vivo é ser via. Tudo atravessa, só uma coisa não quer: estagnação. Estes desenhos que você está vendo, sobre os quais estamos falando, é um conjunto de carimbos de vários instantes costurados pela presença de uma consciência sem nome que celebra, em cada marca que faz, o fato de ela mesma existir se sabendo existindo sem explicação. Sem desenhar, ela seria só errância, mas no gesto do desenho a consciência é a errância que celebra, porque em cada gesto que alguém faz se pode ler a palavra sim.*

Seu pensamento – daquele que vos conta – teria sido algo como, “Deve ter algum em algum lugar”. Porém, da mesma forma que aqueles membros fantasmas, me refiro, por exemplo, àqueles braços, pernas, dedos, membros em geral, que partem sem avisar deixando um espaço de ausência quando antes havia presença; pois então, não perdendo o fio da meada, Thiago, poderia se dizer, tocava essas áreas ocultas, que poderiam, a seu ver, estarem presentes em um passado qualquer. Ele, não Thiago no caso, mas aquele que vos conta, sabia

que tudo o que aparecia naquela superfície colorida se poderia contar como “chamado” de algo oculto, como estradas do interior de Thiago que poderiam soar, gritar, suspirar, grugulejar, assobiar rubro, laranja, amarelo, verde, azul, anil, violeta; diria: multicolor.

Passadas algumas semanas, o viandante lhe admirou humildosamente quando lhe reencontrou alhures em São Paulo, dizendo-lhe, “Salve salve, quais são as novas?”. Sorriso nos olhos apertados de seu interlocutor se manifestaram por entre bigode abundante em palavras adocicadas. Eles decidiram tomar uma birra e, ao longo do percurso de quarenta e duas jardas, Thiago lhe contou o seguinte:

*Mês passado estive numa igreja cujas paredes são todas feitas de ossos humanos. Naquela capela fica claro o silêncio que nossos ossos fazem quando não estamos mais vivos. Nossos corpos só fazem barulho e movimento enquanto existimos. Eu acho que barulho e movimento estão muito unidos nos nossos corpos. Saí daquela capela com vontade de fazer barulho, arrastar meus passos ouvindo o atrito com o chão, continuar atravessando os dias ouvindo e fazendo ouvir, reparando nas coisas e nas pessoas, no ruído que fazemos só porque estamos vivos. Saí dali com vontade de dizer mesmo sem ter certeza de que tenho o que dizer ou que trago alguma novidade no que digo. Passei dias pensando no barulho e no movimento como afirmações de uma presença viva. Agora se eu faço movimento e barulho mas não estou fazendo isso só porque sei que posso me movimentar e fazer barulho – se estou fazendo isso de maneira automática –, então não estou celebrando o fato extraordinário de ser alguém que só faz barulho e movimento porque está vivo. Mas se faço barulho e movimento só porque sei que posso fazê-los, se faço porque estou pasmo com o fato de que posso fazê-los e de que só posso fazê-los porque estou, por enquanto, vivo, então o meu gesto se transforma em agradecimento. É por isso que cada desenho é um ritual: ele celebra uma presença. Voltando à capela de ossos, na mesma noite da visita àquele lugar minha garganta inflamou e eu tive muita febre, uma febre alta dessas que fazem a gente delirar. E nos delírios da febre eu só conseguia me ver dentro daquela capela de ossos com várias outras pessoas, cercados de crânios e fêmures, ao redor de uma fogueira em transe.*

Silêncio. As gaiotas daquele bar antigo em que ele havia passado parte de sua juventude adejavam silenciosas. Suas palavras lhe haviam trazido uma calma perturbadora. Eletizante. Como quando, de uma vazia silencioso, de uma penumbra, o animal, das alturas, despencasse sobre a presa.

Palavras ávidas.

Ele não as esperava.

Tomaram um trago de cerveja enquanto ele observava um barco preguiçoso a remo nas ondas metálicas.

De repente, ele parou o silêncio:

*É preciso explorar o limite, sentir medo e desejo. O limite da linguagem, das ferramentas, o limite do corpo, é aí que se move a libido. Se não estou no limite, não tenho desejo. Se você se dedica ao limite do sentido, e foi o que fiz, uma hora você abraça o caos para tentar entendê-lo. Quando, graças à escrita, à argumentação, à especulação e à reflexão, você chega ao próprio*

*silêncio, onde a palavra fica obsoleta e desesperada por não conseguir dizer o que descobriu quando olhou para si mesma, aí você se vê diante do silêncio, mas com muita matéria ao redor. Tudo o que fica dessa explosão é a materialidade do mundo, e você cercado por ela. Então você começa a brincar com a matéria, como um bebê que acabou de nascer, mas um bebê cuja carne é puro pensamento. Você é um bebê e brinca com os ossos silenciosos dos que viveram antes de você. Para me manter vivo na potência do nosso tempo eu preciso ser capaz de brincar nos escombros, e estar junto aos loucos, aos drogados e aos místicos, aos que enlouqueceram de tanto pensar até que a loucura virasse contrações na barriga do real e a pessoa nascesse pela segunda vez.*

Qualquer história, curta ou longa, começa às vezes como que fragmentada, retalhada. Se apenas ele soubesse a origem de todas aquelas manifestações, dissimulações, preocupações, frustrações, talvez perdesse o interesse. Tudo acontece em meio àquela selva de cores, engendrada por aquela navegação imaginária que Thiago realizava diante do papel. O que ele – aquele que vos conta – pensava antes de encontrar a Thiago era o fato de que as cores e formas eram uma reação às proteicas armadilhas do mundo, oxidações naturais da passagem do tempo por entre sua mente. Porém, o movimento era maior e somente poderia ser alcançado por meio de irisadas vibrações emanadas do plexo lunar, segundo a massa pituitária que vos dirige a palavra.